

O discurso do Presidente

Josué Montello

NÃO chego tarde para louvar o discurso do Presidente Sarney na Assembléia Geral da ONU. Por esta razão simples: esse discurso ultrapassa o momento em que foi proferido e traz consigo alguns instantes significativos e históricos, que lhe asseguram perdurabilidade.

Há uma retórica que se desfaz com a palavra enunciada. Mas também há outra que lhe suplanta a elocução. A primeira é a palavra pela palavra, por vezes campanuda e vibrante, podendo ser, como queriam os gregos, o encanto dos homens reunidos. A segunda é a expressão de uma crise — a crise que levou o orador à tribuna. Essa oração não se exaure quando concluída — tenta abrir caminho para a solução do problema.

Na história da eloquência brasileira, podemos assinalar duas linhagens políticas na oratória da crise: uma, que nos deu Joaquim Nabuco; outra, que nos deu Rui Barbosa. Este, mais ligado à consciência do advogado, com a veemência do direito e da lei; aquele, mais ligado à consciência do escritor, com a veemência de seus sentimentos.

Uma e outra, por vezes, a se confundirem, mas guardando um núcleo próprio, que o tempo e as circunstâncias se encarregam de distinguir e objeivar, no curso das campanhas políticas.

O Presidente José Sarney se insere nitidamente na linhagem dos escritores. Há uma preocupação de ordem literária no seu pensamento político. E disto nos deu testemunho, antes de chegar à Presidência da República, nos seis volumes de discursos e conferências que balizam a sua ação política, ora na tribuna da Câmara dos Deputados, ora na chefia do Governo do Maranhão, ora no Senado da República.

Em todas essas orações, sempre o escritor tomou o passo ao político. Ou melhor: o político se associou ao escritor, na transparência da língua literária a serviço da causa estadual ou nacional.

Já assinala, creio que ao receber Sarney na Academia Brasileira, que, à entrada do Palácio do Governo, em São Luís, há uma placa em bronze com estes dizeres: "Este Palácio foi restaurado pelo escritor José Sarney." Pelo escritor. Que era então o Governador.

Compreende-se, assim, que, no discurso do Presidente Sarney, tenham ocorrido dois lances literários capitais: um, na evocação dos versos de Bandeira Tribuzi, seu amigo e companheiro de geração; outro, na alusão a Machado de Assis, neste trecho: "A maior e mais completa sensibilidade literária que produzimos até hoje — Machado de Assis — era um mestiço. Como mestiços foram, nas artes plásticas, o grande escultor barroco, o Aleijadino, e, na música, o universal Villa-Lobos.

Logo no início da oração, esta afirmação veemente corresponde à placa em bronze do Palácio do Governo, em São Luís: "Presidente da República, orgulho-me de ser um escritor em que o gosto da palavra não confinou o espírito na expressão da obra estética. Dela fiz um elemento de identificação profunda com o povo, para viver os anseios do homem e da sociedade. A literatura e a política são vertentes a obrigar a uma visão social e humanista do universo. Não posso conceber a busca das conquistas materiais sem um substrato do espírito que dê à aventura humana a dimensão das coisas eternas."

Vejam agora um trecho do discurso que Nabuco proferiu na tribuna da Câmara, a 7 de maio de 1888, por ocasião da apresentação do Ministério João Alfredo: "O que faz o homem de Estado é a imaginação que penetra no mais fundo do coração do povo e lhe adivinha o segredo de que, às vezes, ele mesmo não tem consciência. Leis, grandes leis encomendam-se à ciência dos juristas; a eloquência acha-se às vezes em inspirações alheias, mas essa chama sagrada, que a alma do povo acende de muito longe no coração do estadista, que põe o coração de Bismarck em contacto com o coração da Alemanha, o de Cavour com o da Itália, o de Gladstone o da Inglaterra, e hoje o de João Alfredo com o do Brasil, inspiração do verdadeiro homem de Estado, Sr Presidente, não se encomen-

da, não se aprende, não se estuda, é uma revelação divina dessa luz que ilumina o universo e que dirige a humanidade."

Sarney, no discurso da ONU, guia-se por essa claridade, e é o intérprete da consciência nacional, que lhe dá o rumo e sugere o caminho. sem que o orador se afaste de sua simplicidade natural.

Por que não dizer aqui que me emocionei? Sim, emocionei-me, ao ver o amigo de trinta anos, naquele lugar, naquele momento, a dizer o que disse, fiel a si mesmo, levemente tenso, no tom veemente e exato, senhor de seus nervos. E como o que ele dizia era mesmo dele, com a sua forma, com o seu estilo, com as suas idéias, também eu o aplaudia, juntando minhas palmas às palmas da assembléia, com a sensação de que estava também ali, e não no meu quarto de hotel, diante de um aparelho de televisão.

Valeu a pena.

Quanto às teses do discurso, como deixar de identificar-me com elas, sobretudo quando o Presidente condenou com firmeza o racismo? Nessas ocasiões, mesmo sem ninguém por perto, a gente levanta os braços, de punhos cerrados, e grita sim senhor, apoiado, é isso aí.

Convém pegar o par de aspas, e repetir o discurso: "O mundo que os idealizadores da Liga das Nações não puderam ver nascer, e cuja edificação ainda esperamos, é um mundo de respeito aos direitos da pessoa humana, que as Nações Unidas procuram promover através dos Pactos Internacionais de Direitos Humanos."

E adiante, subindo o tom da voz convicta: "A Declaração Universal dos Direitos Humanos é, sem dúvida, o mais importante documento firmado pelo homem na História contemporânea. E ela nasceu no berço das Nações Unidas. Com orgulho e confiança, trago a esta Assembléia a decisão de aderir aos Pactos Internacionais das Nações Unidas sobre Direitos Civis e Políticos, a Convenção contra a Tortura e outros Tratamentos ou Penas Cruéis, Desumanas ou Degradantes, e sobre Direitos Econômicos, Sociais e Culturais."

E a dívida externa? Sim, e a dívida? Houve uma fase em que se nos metia pelos bolsos a moeda estrangeira, com o argumento de que, melhor do que nos endividarmos em moeda nacional, era receber a moeda alheia. Bem que ouvimos a bela cantiga, à hora da construção dos 36 andares do prédio da Academia. Mas Austregésilo de Athayde, prudentemente, optou pela Caixa Econômica. Do contrário, não teríamos hoje o prédio, e ainda estaríamos metidos no clube dos devedores, para ali ficar por muitos anos, com as mãos na cabeça e de nariz comprido. A resposta do Presidente Sarney, no caso da dívida brasileira, é antológica: "Temos consciência de que, a pagar essa conta, com estes altos custos sociais e econômicos, teríamos em seguida de abdicar da liberdade, porque débito pago com a miséria é conta paga com a democracia."

Mas há um trecho do discurso que só o ouvido maranhense escutou em plenitude. Este: "Nem tudo é Este ou Oeste nas Nações Unidas. O mundo possui outros pontos cardeais — dizia há 22 anos o Embaixador Araújo Castro, representante do Brasil nesta Assembléia."

Otto Lara Resende, no seu artigo dominical de *O Globo*, teve também esse ouvido maranhense, embora mineiro, e captou a razão a mais, nitidamente sentimental, e justa, da alusão a Araújo Castro.

O saudoso chanceler, conquanto nascido no Rio de Janeiro, teve formação maranhense, pois foi em São Luís que se criou, a poucos passos de minha casa, na Rua dos Remédios. O Presidente Sarney há de lembrar-se dele nessa rua, à simples enunciação de seu grande nome, como eu também neste momento o recordo — a caminho da Praça Gonçalves Dias, para as lições de uma admirável professora, que ensinou Shakespeare e Keats aos jovens maranhenses: D. Lucila Wilson Coelho de Souza.

Se a memória não me falha, neste rebate de saudade.